



Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação

Organizadores:
Margarete Axt
Fernanda S. Amador
Joelma A.A. Remião

Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação

Organizadores:
Margarete Axt
Fernanda S. Amador
Joelma A.A. Remião

Projeto Editorial:
Panorama Crítico Editora

Organizadores:
Margarete Axt
Fernanda S. Amador
Joelma A.A. Remião

Coordenação Editorial:
Alexandre Nicolodi

Revisão:
Isaque Gomes Correa

Projeto Gráfico e Editoração:
Alexandre Nicolodi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96 Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação
[recurso eletrônico] / Organizadores: Margarete Axt, Fernanda S. Amador,
Joelma A. A. Remião. – Porto Alegre : Panorama Crítico, 2016.
300 p.

Sistema requerido: *Adobe Acrobat Reader*.
Livro também com a extensão ePub para e-Readers.
ISBN 978-85-63870-14-8

1. Educação - Pesquisa. 2. Educação – Experiências. I. Axt, Margarete. II.
Amador, Fernanda S. III. Remião, Joelma A. A. IV. Título.

CDU 371.388

Biblioteca responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Trajetos das impurezas de uma pesquisadora: um modo intensivo de pesquisar

Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

As linhas deste texto são feitas de palavras e afetos que compartilham o processo de tornar-se pesquisadora no percurso de feitura de uma tese¹. Um traçado que se fez entre as linhas de uma *escrita de si*, conforme nomeia Foucault (2004b), levando a experimentar o percurso de quem pesquisa como a própria matéria de escrita da tese. Assim, a forma de escrever vai sendo produzida menos pela tradicional orientação acadêmica, e mais pelo exercício de uma escuta das verdades de si a respeito do lugar de pesquisadora. Trata-se de um caminho necessário para enfrentar a linha do pensamento que dobra sobre si ao sermos convocados ao exercício ético para escolher um modo de pesquisar.

À medida que afirmava a questão de pesquisa discutindo a pedagogia de uma escrita que constituía as práticas de formação em psicologia em políticas públicas juvenis, vivia o exercício de indagar o próprio lugar docente e o modo como me tornava pesquisadora. Verdades de si que dizem de produções institucionais entre saberes e poderes que nos constituem docentes, pesquisadores, doutorandos. Ao desbravar essas verdades, encontro uma motada que acolhe os movimentos de si no percurso produzido pelo mundo que

pesquisamos: o Laboratório de Estudos da Linguagem, Interação e Cognição (Lelic) da Faculdade de Educação da UFRGS. Grupo de estudantes de graduação e pós-graduação, coordenado pela professora Margarete Axt, inventores de um modo de educar afirmativo que fazem da criação e do diálogo propulsores da produção de conhecimento. Espaço que fez de minhas interrogações solitárias possibilidades compartilhadas de pesquisar, ensinar e fazer extensão.

Nesse sentido, a escrita emerge entre variações do tempo do verbo e de quem escreve: eu, nós, impessoal. Ao percorrermos o movimento que ultrapassa o limite entre o sujeito e o objeto, já não sabemos quem somos e o tempo que habitamos. Assim, em lugar de nos prender nas constantes de uma linguagem guiada pelo padrão, experimentamos a multiplicidade que nos constitui na expressão escrita de passagens de sentido. Vivemos a enunciação do que está sendo inventado, um estilo próprio a ser experimentado².

Talvez perguntem: Seria esse um texto a ser publicado como artigo de um livro acadêmico? Eu afirmo que as *impurezas da pesquisadora* foram tornando-se *impurezas de um modo de pesquisar* por (d)enunciarem escolhas políticas, éticas e estéticas de como produzimos conhecimento na contemporaneidade. Portanto, essa escrita não poderia atender ao que se espera para falar de como se faz uma tese, pois diz exatamente de uma existência em combate com essas forças instituídas durante a sua elaboração. Abandonar esse combate seria desviar do exercício de aprender com o percurso de pesquisar, o que não seria ético com quem me forçou a pensar: estudantes de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul atuando em políticas públicas juvenis; jovens em medidas socioeducativa e protetiva participantes de programas acompanhados no contexto de pesquisa. Então, vamos a essas andanças entre moradas de si e de uma pesquisa.

Visitar

Inverno, dia de densa neblina. A mãe olha pela janela e diz:

– Filho, está tudo branco lá fora.

O filho comenta:

– Acho que as nuvens quiseram visitar o mundo. Não enxergavam bem lá de cima.³

Quando planejava a escrita da tese de doutorado, imaginava uma descrição marcada pelas designações conhecidas da estrutura de uma pesquisa e os títulos de um roteiro previsto. Página de rosto, página branca preenchida por caracteres bem distribuídos que designam o mundo. A pesquisadora e suas descrições articuladas em redundância. Enfim, um caminho conhecido e confortável.

Eu tentei. E posso dizer que até insisti. Mas não consegui. Ao elaborar o texto “Cartografia de Si” para um dos seminários⁴ do doutorado, fiz um exercício de escrita produzindo as linhas do tornar-se pesquisadora numa tentativa de abandoná-las. Era uma empreitada aparentemente previsível. Ao escrever sobre os impasses da cidadã-filha-mãe-mulher-professora-pesquisadora, esclareceria os motivos pelos quais fui levada e, então, poderia habitar a pesquisa e sua metodologia. Deixaria nas palavras meus incômodos, minhas dores, minhas impurezas. Depois de traçar estas linhas estaria apta à escrita da tese.

O ato de escrever levou-me com uma força avassaladora, tomando corpo com sua vida própria. A experimentação produziu desvios, possibilitou novos usos de si e um encanto pelo tatear vagaroso de conceitos. Diferente da criança que vive as palavras no seu acontecer, ao adulto sobrecodificado faz-se necessário turvar o olhar soberano do saber para *visitar* outros saberes. Deleuze e Guattari (1996, p. 58) assim se expressam: “procurem seus buracos negros e seus muros brancos, conheçam-nos, conheçam seus rostos, pois de outro modo vocês não os desfarão, de outro modo não traçarão suas linhas de fuga”.

Restou-me seguir nesta multiplicidade e até mesmo correr o risco de escrever uma tese daquilo que já não a constituía. Ao leitor ficou a tarefa de viver nas palavras os vestígios de uma pesquisadora, já não sabia se apresentava uma pesquisa sobre a formação em psicologia no contexto juvenil ou simplesmente escrevia...

Visitar e andar

Sexta feira, 21 de julho de 2006.⁵

Numa tarde ensolarada e quente do inverno porto-alegrense.

*Carime e eu discutimos sobre o livro *Diferença e Repetição*, de Gilles Deleuze.*

Avançamos em algumas formulações.

Vem a pergunta derradeira:

– E a escrita do projeto da tese, como anda?

Anda. Verbo bem escolhido!

Anda em pensamento, mas paralisa nas mãos.

Ao escrever pa-ra-li-sa, novo desvio de tudo o que eu havia andado em pensamento para escrever. O percurso de uma tese passa por tantos limites acompanhados de seus recuos, tantos limiares em busca de rupturas.

Mas Carime também disse:

– A Margarete sempre diz para fazer a nossa “historinha” e assim iniciar a escrita.

E assim a tela branca sem linha foi sendo habitada por histórias do pesquisar.

Desde 2001, eu estava enredada com as embalagens juvenis. O jovem infrator, o jovem abandonado, o jovem estudante de psicologia. Num primeiro olhar identificava territórios bem marcados: infração, abandono, formação. Segui pelas invisibilidades que acompanhavam este regime de luz e cheguei ao que a experiência produziu: lugares praticados que movimentam modos de ser.

Foucault (1987) produziu rigorosa análise sobre as racionalidades que sustentam as verdades desdobradas em práticas pedagógicas, prisionais e de exame dos modos de viver. O efeito dessas práticas foi constituir o sujeito de um discurso da norma e de vigilância do outro, que se torna de si, disciplinando a existência. Hoje, oscilamos entre os moldes e as modulações e, como aponta Deleuze (1992), forma-se uma

sociedade de controle que demanda o constante consumir, qualificar-se, atualizar-se. Uma norma que aparenta movimento. Para onde?

Percebemos que o confinamento não está somente nas prisões, fábricas, hospitais; ele circula no fluxo das ações monetárias entre trajetos dos modos de vida. Não tem lugar e, ao mesmo tempo, está sempre ali nos dizendo que não somos nem qualificados o suficiente, nem os esperados consumidores do último modelo. Antes um confinamento no espaço, agora um confinamento também no tempo. Algo carece, algo que nos desassossega e que preenchemos sempre com mais alguma utilidade fabricada pela insistência de nos manter numa nova evidência. Se não basta a mercadoria em objetos de diferentes formas e substâncias, temos os modos de ser, os padrões, as estéticas. Tudo no plural, pois basta ocupar um lugar no cadastro das ofertas do dia que logo surge outra. Se não bastam as formas, as substâncias e os modos, temos a transfiguração dos fatos em fluxos acelerados que ocupam nosso pensamento.

A pergunta que passamos a enunciar é: Por que eu não consigo acessar tudo isso? Ou ainda, por que o outro não consegue acessar nada disso que está aí em plena oferta? Como ousa nos perturbar com sua fome, sua sede, sua barbárie, se a oferta multiplicada de opções de compra está aí, a sua disposição?

Neste turbilhão de paradoxos, partículas de medo circulam e nos contaminam. Um cansaço existencial toma conta. Solidão num mundo povoado de gentes, redes e ofertas. O discurso que povoa a solidão retorna para dar forma e controlar: nomeia corpos, designa causas, localiza espaços. Entre os contornos destes territórios localizáveis estão os jovens, a pobreza, a periferia.

Como pesquisar modos de ser e de aprender entre essas sensações?

Visitar, andar e cuidar de si

O encontro com a análise de Foucault (2004a) a respeito da finalidade do cuidado de si e das práticas que compuseram a relação entre sujeito e verdade possibilita pensar sobre nossos modos de viver e o que se passa com as ciências humanas que tomam o sujeito como objeto de conhecimento. O cuidado de si e as práticas de si⁶ compõem uma complexa questão para a produção do conhecimento sobre a vida de nossos dias, em especial no contexto das ciências humanas. Entre tantas informações e imagens que circulam num consumo entorpecente de signos, a “acontecimentalização”⁷ ao cuidado de si no século 21 fomenta a crítica ao abandono de redobrar o encontro consigo para além da evidência indigesta de modos acelerados, descartáveis e embalados.

Foucault (2004a) destaca que a constituição de um status de sujeito definido pela plenitude da relação de si para consigo foi tema importante em toda a história da prática de si e da subjetividade no mundo ocidental. Na obra *A hermenêutica do sujeito*, o autor percorre as práticas de si e o movimento da filosofia, na cultura helenística e romana, na busca de sua definição em torno da “arte de viver” (*tékhnē toû bíou*) e da constituição de si como o objeto de um cuidado. À medida que o eu vai se afirmando como o objeto de um cuidado, há uma identificação acentuada entre a arte de existência e o cuidado de si.

Para tal, há o desenvolvimento de uma ascese⁸ (*áskesis*) caracterizada pela constituição de uma relação plena de si para consigo, uma maneira de ligar o sujeito à verdade. A ascese tinha por função estabelecer um vínculo entre o sujeito e a verdade, permitindo ao sujeito dispor de discursos verdadeiros que ele conservava e dizia a si em caso de necessidade. Foucault (2004a) analisa que esse processo conduz aos problemas técnico e ético das regras de comunicação entre quem detém os discursos verdadeiros e quem deve recebê-los e deles

fazer um equipamento para a vida. São exercícios de subjetivação do discurso verdadeiro que envolviam uma técnica e uma ética do silêncio, da escuta, da leitura e da escrita.

No processo de análise desses elementos sobre a relação consigo na filosofia grega antiga, Foucault (2004a, p. 395) pergunta: “O que haveria de mais distante daquilo que agora entendemos em nossa tradição histórica por uma ‘ascese’, que renuncia a si em função de uma Palavra verdadeira que foi dita por um Outro?”

Pergunta que segue em nossos dias. Na análise da própria existência das disciplinas nas quais nos alojamos e do confronto com as formas atuais de viver, como são produzidas-consumidas as práticas do cuidar de si? O conhecimento disciplinado e constituído como ciência teria remetido a psicologia e a pedagogia às técnicas de uma arte da análise da subjetivação? Como operar uma pedagogia de formação daquelas que se entrelaçam nas práticas de si?

Visitar e andar com o outro no olhar de si

Ao abordar o pensamento de Foucault, Deleuze (1992) enfatiza seu caráter combativo. Nesse sentido, afirma que, desde que se pensa se enfrenta necessariamente uma linha onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura, e essa linha nos arrasta, essa linha mortal, violenta e demasiado rápida nos arrasta para uma atmosfera irrespirável. “[É] preciso dobrar a linha, para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar, respirar – em suma, pensar. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela, com ela: questão de vida ou morte” (Deleuze, 1992, p. 138).

Em agosto de 2005, visitei Go, 19 anos, no Presídio Central de Porto Alegre. Ele era egresso de um programa direcionado aos adolescentes com percursos pelo ato infracional⁹ que eu acompanhava em atividade de extensão acadêmica, contexto de minha pesquisa. Esta-

vam comigo nesta visita duas integrantes da equipe de psicologia da UFRGS¹⁰. Pela janela da sala de espera viam-se restos de prédios com grades. O som das portas de grades do presídio, abrindo e fechando, ecoavam na visita realizada, meses antes, numa unidade de internação da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) que recebe adolescentes em conflito com a lei em medida de internação.

A grade¹¹ é designada como uma armação de peças encruzadas com intervalos e destinada a vedar determinado lugar. Sobre o espaço, é possível construir grades marcadas pelo ferro e pelos dias, meses e anos de um acordo cronológico com a materialidade do estabelecimento institucional. Mas o tempo segue por intensidades e movimentos que vazam nos intervalos das grades. Go aparece sem mãos em nosso campo de visibilidade, seguido de um olhar que desvia o outro. As algemas, nas mãos em suas costas, proliferavam em nossa imaginação. Ele foi inventando um outro olhar, uma outra voz. Cantou um *rap* de sua autoria durante a conversa.

Passei dias em luta com meus pensamentos. Na conversa com Go, afirmei a vida como princípio ético para seguir. Quando li a escrita de nossa conversa, incomodou-me muito o enunciado *Vida* da qual eu era sujeito. Eu afirmava *A Vida* como oposição ao que ele vivia (prisão). Mas essa condição também é efeito da vida de todos nós. Palavra rachada e invisibilidades saltam de um regime de luz em que o modo de existência do outro não fazia parte.

Vivi as grades de si. Diante do presídio, do adoecimento, dos procedimentos, restou-me a moral de uma vida-representação. Era preciso ter respostas. As mortes se faziam presentes neste percurso. De familiares, de outros jovens participantes do programa de extensão, de vítimas destes jovens. A vida passava a ter outra natureza na minha experimentação. Antes ausência de morte, apenas *A Vida*, agora combate. Ele havia morto um trabalhador. Entre as grades titubeava e cantava. A professora, psicóloga e pesquisadora, entre as palavras de sua existência, lutava para ter o que dizer.

Encontro em Foucault (2004a) as práticas de cuidado de si dos estoicos na relação com a morte. É uma reflexão sobre o “exercício da morte”¹² como uma forma de olhar sobre nós mesmos a partir da atuação da morte em nossa vida. A morte não é o pensamento sobre o porvir, mas um pensamento sobre mim mesmo enquanto estou morrendo. O pensamento sobre a morte é um meio para adotar, sobre a vida, um olhar que opera um corte permitindo apreender o presente, possibilitando que a vida apareça como ela é.

As mãos pararam. Paradoxalmente, o pensamento seguia em experimentação. Estava em questão a existência e seus tormentos. Viver o pensamento misturado à morte do outro e na violência de seu devir é necessariamente um combate consigo, quando o propósito é a abertura para a multiplicidade dos modos de existência. Corpos morrem, verdades também.

Parar

Uma criança no escuro, tomada de medo, tranqüiliza-se cantarolando. Ela anda, ela pára, ao sabor de sua canção. Perdida ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116).

O silêncio que se alisava nas mãos paralisadas foi sendo povoado por ruídos de sinapses de um pensamento que anda. O território conceitual alargou fronteiras na leitura mais atenta das produções de Michel Foucault, com ligações conduzidas pela dedicação a obra de Gilles Deleuze.

Ao ser questionado sobre o efeito anestésico e o efeito de paralisia de suas análises nos educadores penitenciários, Foucault (2003, p. 348) enfatiza: “meu projeto é fazer de tal modo que eles ‘não saibam o que fazer’: que os atos, os gestos, os discursos que até então lhes pareciam andar sozinhos tornem-se problemáticos, perigosos, difíceis. Esse efeito é desejado”. O filósofo destaca que paralisia não é sinônimo de anestesia, mas o despertar para um conjunto de problemas que a dificuldade de agir faz aparecer. É preciso um longo trabalho de vaivém, de trocas, de reflexões, de tentativas e análises bem diversas.

Entre anestésicos e paralisias, as impurezas escritas passaram a situar que havia um falso problema no adiamento do escrever. A escrita acontecia, porém não para a imagem-tese que me acompanhava. Ao constituir um território de escrita, a professora-psicóloga-pesquisadora seguia em uma nova batalha entre mãos, pensamento e vida. Ao distribuir os ritmos da vida num espaço as mãos foram delineando a escrita de uma tese compartilhada. Nas leituras da obra de Michel Foucault foram sendo construídas moradas para exercitar as perguntas; nos conceitos de Gilles Deleuze a possibilidade de habitar zonas de vizinhança para pensar um processo; e, então, seguir nas máquinas Félix Guattari e Gilles Deleuze. É o diálogo com a filosofia para perturbar uma psicologia e uma pedagogia e, então, criar uma tese.

Avizinhar-se no processo

A criança pergunta à mãe sobre o que ela lê.

Ela responde:

– Sobre como a gente vive.

A criança diz:

– Ora mãe, a gente vive com o ar, água, feijão e lentilha.

Viver é a gente viver sem nunca morrer.¹³

Se um novo modo de existência se cria, não é porque outro ficou para trás superado e morto, mas porque no encontro de forças seguiu-

se pelo processo e não pela interrupção. Quando parece que resta apenas o modelo de uma relação sujeito/objeto, com a arrogância da centralidade do pesquisador e de seu método, o sinal de desistência diz que o inimigo se instalou em nós. Estamos instalados na reprodução do conhecimento, sem dar abertura para a passagem do processo que está por aí, insistindo em movimentar o contorno de um outro modo de pesquisar. A criança trouxe em suas límpidas palavras que a força que mantém o combate é do viver que insiste e segue.

Muitas falas infantis de meus filhos invadiram o meu pensamento. Revisitadas em registros que foram feitos em materiais à mão, geralmente livros e cadernos de trabalho. Escritas misturadas. As falas remetem aos signos que a criança invoca e que rapidamente aprisionamos numa representação já dada. Para além da conversa de mãe e de filho, as palavras carregam o encontro com intensidades e trajetos.

Mas para onde vão as palavras? De quem são? Quem as leva? Qual o compromisso com o que digo? E com o que o outro diz? Que misturas se fazem entre corpos e palavras? Fui lançada para algo que já fazia eco em meu pensamento: Como se constrói uma tese que aborda jovens falados e escritos entre diários e registros? O dito do dito sobre outro dito numa série sem fim. Mas qual seria seu início? Haveria um?

Para Deleuze e Guattari (1995), se a linguagem parece sempre supor a linguagem, é porque, ao não fixar um ponto de partida não linguístico, a linguagem vai sempre de um dizer a um dizer. Vai de um primeiro ao segundo, de alguém que viu para alguém que não viu, e do segundo a um terceiro, não tendo nenhum deles visto. Assim, a linguagem funciona como palavra de ordem. Mas, salientam os autores, sob as palavras de ordem existem senhas. Palavras que seriam como que passagens. A mesma palavra de ordem que marca a parada e a composição estratificada tem uma dupla natureza: “É preciso extrair uma da outra – transformar as composições de ordem em componentes de passagens” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 59).

A cartografia tem a potência de seguir as passagens que buscamos entre as intensidades e os movimentos da palavra de ordem. A escrita do pesquisar neste regime vincula-se a uma experimentação daquilo que passa por nós. Não para dizer quem somos e remeter a mais uma designação do eu, mas para dar passagem ao que acontece na produção social do desejo na qual constituímos o pesquisar. A ética que afirmamos se produz entre a ordem e a passagem indicando as possibilidades de variação que acompanham as palavras para criar uma língua própria à escrita da pesquisa. Tarefa arriscada, pois não podemos assegurar as regras de um processo de criação que se constitui no próprio agenciamento da pesquisa. Entretanto, as condições de produção do problema de pesquisa estabelecem como princípio orientador os laços de nossa criação com a afirmação de uma ética. É assim que se criam as zonas de indagação entre educação, psicologia e uma juventude escrita entre as linhas de violência do contexto brasileiro.

Quando passamos a identificar os jovens constituindo-os como problema social eminente, algo fez parar o processo. Os técnicos com suas funções científicas diagnosticam o imobilismo e, nele, se alojam para praticar sua ciência. O compromisso está em traçar as linhas na formação social do desejo que constitui o processo de subjetivação desse modo de viver, atingir potências e devires que nos levam para além dos limites do imobilismo em direção à desterritorialização da própria existência do pesquisador.

Deleuze (1997) afirma que o mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença¹⁴ se confunde com o homem, estados em que se cai quando o processo é interrompido pelas formas de dominação da sociedade. A doença é a parada do processo, não o processo. É no encontro da filosofia e da arte que o autor analisa a literatura como um empreendimento de saúde ao colocar em evidência uma possibilidade de criação e vida no adoecimento da humanidade. No movimento de escrever com sua própria língua, a literatura inventa um povo que falta, um

povo menor tomado num devir revolucionário. Assim, o escritor é

um médico de si próprio e do mundo. [...] goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiados grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis (Deleuze, 1997, p. 13-14).

No diálogo com essas análises se produzem nossas questões: Ao andar com os dizeres do outro, que passagens as palavras carregam que permitem a audição da existência em sua multiplicidade? Que compromisso consigo, com o outro e com a vida compartilhada pode ser produzido nesta vizinhança que nos constitui?

Constituir a pesquisa como um processo implica considerar os dizeres que nos tocam: as anotações esquecidas sobre algo que nos fez parar para escrever; as perguntas que não abandonam o nosso pensar; a violência do paradoxo entre o cantar e o matar na vida de um jovem preso. É assim que vamos afirmando uma tese que se produz com pessoas, aquelas que vivem na simplicidade do *ar, água e feijão*, mas que, também, se movimentam no mundo sem saber para que vivem.

Deleuze e Parnet (1998) enfatizam que manter a heterogeneidade envolve falar com, escrever com: com o mundo, com uma porção do mundo, com pessoas. Ao discutirem estas questões, comentam que a objeção de que se estaria se servindo do outro e depois deixando-o de lado implica pensar sobre o que produz uma escrita. Para os autores, não se escreve pelo outro ou do outro, mas daquilo que agencia-mos entre um e outro na tentativa de manter o fluxo de um processo onde a vida prolifera. Esta é nossa direção ao propormos um modo de cartografar e constituir uma tese como um agenciamento coletivo de enunciação, no terceiro capítulo deste projeto.

Falamos com as palavras que nos carregam e as afetamos com

nossa potência para que o movimento que inventa a vida siga seu curso. Que vida? Aquela que, entre as palavras, afirma o compromisso político e ético de que sempre estamos implicados consigo e com o outro, pois a força que constitui um si único e singular opera de modo paradoxal no tempo de todos nós.

Só escrevemos na extremidade do nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa o nosso saber e a nossa ignorância e que faz passar um no outro [...]. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois ou, antes, torná-la impossível (Deleuze, 2000a, p. 38).

Notas:

1 - Lazzarotto, G. D. R. Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: Um diário coletivo e políticas juvenis. Tese de Doutorado em Educação, Orientação professora Dra. Margarete Axt, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

2 - Sob a orientação de Deleuze (2000, p. 240), o ponto de partida da experimentação é a contingência de um encontro, o qual instala “a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar”. Para o autor, quando a representação não dá conta de responder ao que acontece, a diferença invade o pensamento e nos leva a experimentar outros modos de pensar. Nessa perspectiva, para experimentar não basta entregar-se à experiência, é preciso estar atento ao modo como as relações, o tempo e a crítica, afetam o processo de pensar-pesquisar (cf. Deleuze, 2000).

3 - Caderno de Anotações I, de Gislei conversando com Arthur (seis anos), no inverno de 2004.

4 - Seminário Michel Foucault e a Hermenêutica do Sujeito, ministrado pela professora Rosa M. B. Fischer no PPGEduc/UFRGS no primeiro semestre de 2005.

5 - Minhas anotações na última folha do livro Diferença e Repetição, de Gilles Deleuze.

6 - Esses conceitos são operados conforme análises de Foucault. O autor destaca que, na cultura helenística e romana, as práticas de si diferem da noção platônica. Em Platão, há uma oposição entre este mundo (aparência) e o outro (essência), a liberação da alma em relação ao corpo e o privilégio do conhecer; ter o cuidado de si e ocupar-se consigo implica em desviar das aparências,

constatar a própria ignorância e buscar o conhecimento de si pela busca das essências. Na cultura helenística e romana, há um deslocamento do que não depende de nós ao que depende de nós na própria imanência do mundo. Não é uma liberação em relação ao corpo, mas uma adequação da relação de si para consigo que se dá através do exercício, da áskesis. O conhecer desempenha um papel importante, mas o elemento principal é a prática de si que opera esse conhecer (Foucault, 2004a).

7 - No sentido apresentado por Foucault (2003), a acontecimentalização é uma ruptura das evidências e consiste em reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de forças, as estratégias etc., da questão que passa a funcionar como evidência, universalidade, necessidade. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978 (cf. Foucault, 2003).

8 - Foucault, 2004a, p. 383-395.

9 - Ato infracional, conforme descrito nos artigos 103 e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal 8068/1990). Refere-se a crime ou contravenção penal praticado por sujeitos menores de 18 anos, sendo utilizada a designação “em conflito com a lei” conforme esta legislação.

10 - Uma estagiária de psicologia e uma mestranda, ambas participantes do projeto de extensão do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob minha coordenação.

11 - Cf. Bueno, 2000.

12 - Foucault destaca a Carta 12 de Sêneca, que trata de uma espécie de especulação no pensamento antigo de ter toda a vida não como um longo período de um dia: a manhã é a infância, o meio-dia é a maturidade e a noite é a velhice. Do mesmo modo, um ano é como um período de um dia, incluindo a manhã da primavera e a noite do inverno. Em suma, um dia constitui o modelo de organização do tempo de uma vida, dos diferentes tempos, das diferentes durações que se organizam em uma vida humana (cf. Foucault, 2004a).

13 - Registro de Gislei da conversa com Pedro (5 anos) em 7 dez. 2004, nas páginas iniciais do livro Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3, de Deleuze e Guattari.

14 - Deleuze (1997) aborda a noção de delírio como uma doença que passa pelos povos, por uma dimensão histórico-mundial, e que se manifesta a cada vez que se constitui uma raça pretensamente pura e dominante. Para o autor, o delírio carrega também uma medida de saúde ao invocar uma raça bastarda que resiste às dominações. Ele critica a noção de delírio constituída como restrita manifestação do indivíduo com interpretações que se concentram na vida familiar e não consideram a produção social do desejo.

Referências

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 jul. 1990.

BUENO, Silveira. *Minidicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Rio de Janeiro, Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. Mesa-redonda de 20 de maio de 1978. In: _____. *Estratégias, poder-saber. Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 335-354.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

FOUCAULT, M. A escrita de si. (1983). Ética, sexualidade, política. In: _____. *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 144-162.

LAZZAROTTO, G. D. R. *Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: Um diário coletivo e políticas juvenis*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese Doutorado em Educação. Programa de Pós-Gra-

duação em Educação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2009.